



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração da nova emergência do Hospital Nossa Senhora da Conceição

Porto Alegre-RS, 19 de abril de 2006

Eu quero ver quem vai voltar para casa sem as suas camisas, sem as suas bandeiras, porque ninguém sabe de quem é. Segundo, eu queria dizer para vocês... Você está sem camisa? Cadê a camiseta dele? Eu vou assinar, porque ele está sem camisa, daqui a pouco... Acha a camisa do menino ali, porque ele está sem camisa. Daqui a pouco vão dizer que tinha um menino fazendo *strip* aqui, então, eu vou devolver logo para ele assinar. Mas já jogaram outra aqui, assim não é possível. Olhe, depois eu assino aqui.

Primeiro, eu queria cumprimentar o meu companheiro ministro da Saúde, Agenor Álvares da Silva,

Queria cumprimentar o ministro das Minas e Energia, que eu queria que levantasse para as pessoas conhecerem, Silas Rondeau,

Queria cumprimentar o meu ministro da Ciência e Tecnologia, Sérgio Machado, que pode levantar para as pessoas verem,

Queria cumprimentar a deputada federal Maria do Rosário,

Queria cumprimentar os deputados federais Adão Pretto, Henrique Fontana, Marco Maia, Orlando Desconsi, o deputado federal Paulo Pimenta, o deputado federal Tarcísio Zimmermann,

Queria cumprimentar os prefeitos aqui presentes,

Queria cumprimentar o nosso companheiro João Motta, Superintendente do Grupo Hospitalar da Conceição,

Queria cumprimentar o Francisco Arruda, coordenador do Qualisus,



Queria cumprimentar o Marco Antônio Santos, representante dos trabalhadores do Conselho do Grupo Hospitalar Conceição,

Queria cumprimentar o João Roberto Menezes, presidente do Sindicato da Saúde do Rio Grande do Sul,

Queria cumprimentar o Claudir Antônio Nespolo, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do estado do Rio Grande do Sul, de Porto Alegre,

Queria cumprimentar todos os funcionários do hospital, funcionárias,

Queria cumprimentar todos os trabalhadores e queria dizer a vocês da alegria de poder estar... trabalhadores e trabalhadoras, as companheiras e os companheiros. Na verdade, eu não gosto da terminologia todos e todas, eu prefiro falar companheiras e companheiros aqui presentes, meu querido companheiro Olívio Dutra.

Bem, cumprimentar o nosso querido companheiro ex-ministro da Reforma Agrária, Miguel Rossetto, que eu vi por aí.

Cumprimentar os deputados estaduais,

Cumprimentar os vereadores,

Meu querido companheiro Leonardo, uma alegria, sobretudo porque essa música é uma das músicas, você sabe que eu venero. Eu acho que o Leonardo, quando eu venho ao Rio Grande do Sul, ele deve pensar assim: "lá vem aquele chato daquele Presidente pedir para eu cantar Céu, Sol, Sul". Mas, gosto é gosto, eu poderia gostar de outra, mas gosto dessa. Os outros cantantes gaúchos que me perdoem, mas eu gosto dessa, e essa é sua. Então, se eu gosto dela, eu gosto de você, está tudo resolvido.

Eu sei que houve aqui, hoje, um exercício de democracia muito forte. Nós estamos num ano importante para o Brasil, porque é um ano de eleição. E cada vez que eu falo em eleição, os meus adversários entram com um processo na justiça para evitar que eu diga que sou candidato, eu nem disse ainda. Mas, eu sei que houve esse exercício da democracia e nós precisamos nos habituar que são normais os protestos, as pessoas que gostam, que não



gostam, é importante, isso faz parte da nossa vida, eu acho que eles ficam nervosos porque eu não fico nervoso, eu penso que eu conheço isso de muito tempo. Muitos desses meninos e meninas que estão protestando são oriundos do PT. Vocês sabem que ex-marido, ex-mulher, ex-fumante, ex-comunista, ex-petista, vão ficando cada vez mais sectários, cada vez mais radicalis e nós aprendemos a conviver com isso. Então, eu quero que vocês saibam que essa democracia, nós brigamos por ela. É muito melhor isso do que no tempo em que a gente não podia nem reunir 10 companheiros que já estávamos sendo perseguidos. Então, que viva a democracia, que viva o direito de protestar, mas que viva também o direito de respeitar.

Certamente, algumas pessoas que estão protestando são daquelas que nunca vão precisar usar um hospital público, certamente a maioria delas não sabe o que é um fila de hospital, uma sala de espera, quando uma mãe chega com o filho às três horas da manhã precisando, às vezes, apenas fazer uma inalação e às vezes encontra uma funcionária mal-remunerada, portanto ela também não está de bom humor já às três da manhã; o médico, muitas vezes, está descansando na sala dos fundos e a paciente fica ali horas esperando uma coisa que poderia ser resolvida em minutos. Eu digo isso porque já fiz isso muitas vezes, no tempo em que eu não tinha carro, no tempo que eu tinha que pegar ônibus, e eu sei que hoje acontece com muita gente.

Então, quando eu venho visitar um investimento do governo federal que moderniza um centro de emergência de um hospital como este, e a gente percebe que agora os doentes vão ser tratados da hora em que chegam até a hora que saem, que vão ter uma cama mais decente para repousar, que vão ser tratados com carinho na hora em que pisarem no hospital. Eu fico feliz, porque eu tinha 17 anos quando cortei este dedo às duas horas da manhã, e eu fui num pronto-socorro, meu caro Ministro da Saúde, e cheguei lá com um macacão fedendo a óleo, porque eu estava trabalhando à noite. E, certamente, se eu fosse num hospital que fosse daqueles hospitais caros, que eu pudesse



pagar, certamente o médico teria recuperado uma pontinha do meu dedo, pelo menos para coçar o ouvido. Mas como era um peão, 3 e meia da manhã, para que ficar cuidando muito? É melhor arrancar tudo. E arrancou, e me deixou sem um cotozinho, aqui, do meu dedinho.

Eu não tenho problema, mas eu sei que acontece isso ainda hoje, com muita gente pobre neste país. Quando a gente está doente, é o momento que a gente está mais fragilizado. A gente não tem vontade de rir, a gente não tem vontade de comer, a gente não tem vontade de conversar, a gente só quer ser tratado com respeito, a gente só quer ser tratado com decência. E é isso que agora vocês vão ter, nesse centro de atendimento que eu acabei de visitar agora. Parece que tem gente que não gosta, ou seja, tem gente que odeia que a gente faça coisa para pobre.

Então, vejam, meus queridos companheiros, vocês sabem que há 36 meses que todo santo mês cresce o número de empregos com carteira profissional assinada no país. Somente nos últimos dois anos, os trabalhadores brasileiros, das mais diferentes categorias profissionais, que passaram mais de 10 anos fazendo acordo abaixo da inflação, somente nos últimos dois anos, 80% dos sindicatos brasileiros estão fazendo acordo acima da inflação. E o acordo acima da inflação significa aumento real de salário.

Há 36 meses nós batemos, todo mês, recorde de exportação. Se aumenta a exportação, aumentou a produção, aumentou emprego, aumentou a renda e, portanto, a economia brasileira começa a demonstrar que ela tem um novo ciclo de crescimento.

Os meus adversários, por esse país afora, deveriam ser desafiados por vocês a dizerem em que momento da história econômica brasileira nós vivemos o momento que vivemos hoje. Há quanto tempo uma dona de casa não podia entrar no supermercado e comprar tanta coisa barata. Há quanto tempo o trabalhador brasileiro não podia comprar material de construção civil ao preço que está comprando hoje. Há quanto tempo a gente não via o



trabalhador fazer um “puxadinho” na sua casa, uma garagenzinha, um banheiro a mais.

E as coisas estão acontecendo e isso vai incomodando as pessoas. Isso vai incomodando, porque na sociologia política brasileira não estava previsto um metalúrgico chegar à Presidência da República, como não estava previsto a chegada de um índio, na Bolívia. Não estava previsto.

Então, essa é uma novidade que tem causado um certo receio em pessoas que não querem mais fazer o jogo democrático. Aliás, não querem nem que o presidente Lula diga que é candidato. Imagina o absurdo a que nós chegamos: a cada pesquisa que eu apareço na frente, é um terror. Aí aumenta a quantidade de denúncias, aumentam as leviandades. E eu fico pensando que daqui a pouco eles vão querer pedir que se faça um exame na minha mãe, que já morreu, em 80, para saber o que eu era quando eu era feto.

E eu aprendi a lidar com isso, com a paciência que eu adquiri durante muitas e muitas noites na porta de fábrica, esperando um patrão negociar, que não negociava, chorando o desemprego de um trabalhador que eu não conseguia empregar ou, às vezes, lamentando os dias descontados de greve, 40 ou 50 dias, que a gente não recebia. Eu nunca perdi a paciência.

Afinal de contas, sair de onde eu saí, lá no estado de Pernambuco, e chegar aonde eu cheguei, eu não tenho o direito de perder a paciência, eu não tenho o direito de ficar mal-humorado, eu só tenho que dizer: os meus adversários devem estar muito nervosos, porque eu não estou nervoso. Eles devem estar muito, muito, porque eu tenho consciência do significado da minha chegada à Presidência da República, eu tenho noção do sentido histórico, e tenho noção das dificuldades de a gente não poder fazer tudo o que é possível fazer, às vezes contrariando até companheiros, como a gente contraria filhos. Quem é casado, aqui, sabe: quantas vezes um filho pede uma coisa para a gente, a gente não pode dar, ele bate a porta, fica nervoso e acha que a gente está enganando ele quando, na verdade, quem pode gostar mais de um filho



que os pais? Mas a gente tem que ser verdadeiro. A gente tem que dizer não quando tem que dizer não, e dizer sim quando a gente pode dizer sim. É isso que vai criando uma certa consciência e responsabilidade nas pessoas.

E eu sabia que ia ser difícil, e eles imaginavam que o Brasil fosse quebrar no primeiro ano que eu ganhei as eleições. Até porque eles sabiam que o barco estava cheio de furos, estava entrando água por tudo quanto é lado, e eles falaram: “esse governo não vai conseguir tapar esses buracos, daqui a um ano nós vamos culpá-los e, depois, nós voltamos”. Com muita paciência, eu levei bancários e metalúrgicos para o governo, e nós fomos aprendendo. Levei intelectuais e gente que tinha experiência e fomos tapando o buraco. Aí, eles perceberam que o navio não afundou.

Quando, em 2004, a economia começou a crescer, e nós geramos mais empregos do que eles geraram em oito anos, aí eles ficaram doidos. Aí, começaram a não querer que eu fizesse comparação, o que eles menos querem é que eu faça comparação. Eu só estou comparando quatro anos contra oito, eu não estou comparando quatro contra quatro, porque senão a surra seria demais, eu estou comparando quatro contra oito. E posso dizer para vocês que continua sendo meu desejo, companheiro Olívio Dutra, no dia 31 de dezembro comparar, em cada área deste país, o que nós fizemos e o que eles fizeram, para que a gente possa saber claramente o que é possível fazer no Brasil, e é possível fazer muito, e muito mais, neste país. E fazer com a paciência que vocês têm, com a tranqüilidade.

E isso, eu aprendi na minha vida com vocês. Até porque vocês me aturaram tanto tempo, vocês perderam tanta disputa comigo, neste país, que vocês têm o direito de cobrar de mim o que vocês quiserem e eu não reclamar. Mas vamos ver o que significa isso aqui. Deixa eu ler algumas coisas que estão escritas aqui, porque são importantes para vocês, porque vai ter muito debate, daqui para a frente, vai ter muita coisa.

Eu estou vindo alegre, agora, porque eu fui lá em Tenente Portela



inaugurar o programa Luz para Todos para 1.500 famílias indígenas. Ou seja, possivelmente essas crianças que nasceram aqui, na cidade, não sabem o significado de uma luz acesa. As pessoas que viviam sem luz viviam no século XVIII, quando a gente acende um bico de luz é transferido do século XVIII para o século XXI imediatamente. E nós temos um compromisso de não deixar uma única casa, por mais distante que ela seja, sem luz elétrica. E uma ligação lá, meu caro... o Silas está aqui, uma ligação nessa terra que nós fizemos agora, cada ligação custa 5 mil reais, e nós fazemos de graça, e o governo do estado tinha que dar 20% e, lamentavelmente, não pôde dar. E nós, ao invés de ficarmos brigando com ele porque não deu, nós fizemos, não ficamos brigando. Nós queríamos fazer parceria, se não deu, nós vamos fazer. Porque fica caro a ligação, porque é muito poste, é muito longe. Só para vocês terem idéia: só de fio que nós já colocamos no Programa Luz para Todos daria para dar três voltas ao mundo, mais de 1 milhão e 400 mil postes e milhares e milhares de transformadores, e vamos continuar fazendo. Então, eu estou feliz.

Mas também estou feliz porque fui agora a Osório, não vi a 101, mas eu fui lá dar seqüência à primeira torre que vai produzir energia eólica e prestar uma homenagem à nossa querida Dilma, porque aquele projeto é um filho dela, ela que gerou. Antes que alguém se apoderasse do projeto, nós fomos lá para dizer quem era a mãe, e ainda por causa de um decreto de setembro de 2002 do governador Olívio Dutra. E fomos lá, a Dilma lembrou isso, para todo mundo saber, porque agora virou moda: quando as coisas acontecem boas, é o milagre do prefeito, é o milagre do governador. Quando são ruins, é o governo federal.

Bem, então, estou feliz porque estou aqui também e o meu ministro, vocês viram que ele não tem experiência para lidar com muita gente falando ao mesmo tempo, ele não contou uma coisa que me orgulha profundamente: é o Programa Brasil Sorridente. Todos vocês sabem que no Brasil a boca não era tratada como uma questão de saúde pública. Então, você tinha médico até



para tirar um bicho-do-pé, mas não tinha dentista em convênios para tratar dos dentes das pessoas. E eu sempre penso, Agenor, que não tinha dentista porque eu acho que uma parte dos ricos não tem dor de dente, porque tratam dos dentes desde pequenos. Pobre, não, pobre coloca cachaça no dente, algodão com cachaça e coloca comprimido dentro do dente, o buraco vai crescendo e ele vai entupindo com coisas. Pobre vai em benzedeira para cuidar do dente. Creolina? Isso eu nunca coloquei. Está louco, colocar creolina e depois você vai namorar, como é que você fica? Deus me livre.

Mas olhe, então nós decidimos criar um programa chamado Brasil Sorridente. Tem alguém ligado à área de odontologia aí? Tem. Nós, até o final do ano, vamos criar 400 centros de saúde bucal. Cada centro de saúde bucal vai cuidar de uma população de 500 mil habitantes mais ou menos. Nós vamos cobrir a totalidade do território nacional com saúde bucal, tratamento de primeira qualidade. Tem ortodontia? Você confirmou se tem ortodontia? Tem ortodontia, tem prótese, tem tratamento de canal, porque em época de eleições tinha gente em vários lugares do Brasil que andava com uma cesta de prótese, via um cara sem dentes e enfiava uma na boca, não importava o tamanho. E agora, não, agora o cidadão vai lá, tira um molde e faz coisa de primeira categoria, serve para a classe média, serve para a classe pobre, a gente não pede carteira profissional, não pergunta quanto ganha e não pergunta de onde veio. Se tiver problema no dente, vai tratar com dignidade, com respeito, com horário marcado, não é pegar fila não, é marcar horário para tratar. E os dentistas todos jovens, moços e moças muito jovens, muito bonitos, todos alegres, vai ser uma maravilha tratar dos dentes daqui para frente. E eu espero que aqui, em Porto Alegre, já tenha. Ah, tem um CEO aqui mesmo. Então, esse é o programa que é uma paixão da minha vida, porque eu acho que... eu canso de viajar e vejo pessoas rirem para mim, pondo a mão na boca assim, aí você olha, é porque não tem um dente. Pessoas de 18 anos, de 20 anos, então coloca um dente novo, fica maravilhoso, aí o amor vai ser muito melhor, muito



maior, as pessoas vão se apaixonar com muito mais facilidade, porque não é possível uma mulher que não ri e um homem que não ri arrumar um namorado, não é verdade? Olha, como o sorriso é bonito, é uma coisa que deixa a gente leve, tranqüilo.

Um outro programa que é uma paixão minha é a Farmácia Popular. Muitas vezes os prefeitos não querem fazer Farmácia Popular e nós também não obrigamos. Mas nós, agora, fizemos convênios com redes de farmácias, e aqui no Rio Grande do Sul deve ter, em Porto Alegre, muitas farmácias que estão vendendo remédio para hipertensão e remédio para diabetes 90% mais barato que a farmácia normal. Vocês vão ver a rede de farmácia com uma placa escrito “aqui tem Farmácia Popular”. Eu vou dar um exemplo para vocês: uma pessoa diabética, que toma insulina todos os dias, vai gastar mais ou menos 112 reais por mês. Agora, ela vai gastar apenas 12 reais por mês, apenas 12. Uma pessoa hipertensa, que não foi ao SUS e não ganhou o remédio de graça, e tiver que comprar determinado remédio para hipertensão, gasta 37 reais por mês. Ele, agora, vai gastar apenas 3 reais e 70 centavos. Vocês imaginam, isso significava quase 10% do salário mínimo. Isso significa aumento indireto de salário para as pessoas que vão comprar, e nós vamos aumentando, porque o nosso desejo é que todas as farmácias brasileiras tenham a plaquinha.

Basta ter um computador, um telefone e se conectar ao Ministério da Saúde. Aí o Ministério vem e autoriza, leva mais ou menos 20 segundos. Você tem que apresentar a receita e tem que apresentar o CPF. A receita vale por 180 dias, é isso? Então, a pessoa pode ficar com a receita 180 dias. Em 18 segundos o remédio está liberado porque, cada remédio que é vendido, entra diretamente no Ministério da Saúde para controlar se está sendo vendido corretamente. Passou na maquininha, eles autorizam. Esse é um programa, e eu pensei nesse programa, sabem por quê? Porque, no meio do povo mais pobre, a gente está cansado de ver pessoas que vão ao médico e, se não tem



o remédio para elas tomarem, elas levam uma receita e aquela receita vai para casa. Chegando em casa, elas passam na farmácia, não têm dinheiro para comprar, aí guardam a receita em uma gaveta e morrem sem tomar aquele remédio.

Então nós queremos que o povo brasileiro seja tratado com muito mais respeito no Brasil. E só equipes do Saúde Bucal, são 15 mil espalhadas pelo Brasil, como os do Saúde da Família, para cuidar das pessoas. Eu acho que não está longe de a gente atingir a perfeição no tratamento de saúde neste país. Para isso, nós temos que fazer mais investimento, como fizemos nesse Qualisus.

No mais, companheiros, eu quero dizer para vocês que, se depender do nosso governo, eu vou dizer uma coisa para vocês, para vocês terem noção do que aconteceu no Brasil. Os números do SUS, no Brasil, continuam crescendo. Os atendimentos realizados na rede de serviço do SUS aumentaram de 1 bilhão e 800 milhões para 2 bilhões de reais. E o governo continua investindo, cada vez mais, para garantir o direito da população brasileira de ter saúde pública. A cobertura da população, das equipes do Saúde da Família, passou de 30% em 2002 para 43.4% em 2005, alcançando 78 milhões de pessoas em todo o território nacional. Hoje, 94% dos municípios brasileiros contam com agentes comunitários de saúde e 90% deles com equipes completas do Saúde da Família, em atuação. As equipes do Saúde Bucal atendiam 17.5% da população no país, hoje atendem 35% da população do país. Foram implantados 8 mil e 875 novas equipes, além dos 351 centros especializados em odontologia, que realizaram mais de 1 milhão e 300 mil procedimentos especializados no Brasil.

Vocês estão lembrados do Samu. O Samu é uma coisa extraordinária, nós já temos mil e poucas ambulâncias, 1.100, e vamos colocar mais mil ambulâncias, já foi feita a licitação, nós queremos cobrir o território nacional com médico, com enfermeira, com tratamento decente para ninguém morrer ou



na vila ou na estrada, por falta de tratamento médico ou de socorro de emergência.

Bem, tudo isso aqui era para o Agenor falar, vocês não deixaram ele falar, então eu estou falando agora. Deixa eu ver o que eu tenho mais para dizer. Vamos falar de saúde agora? Estou falando de doença até agora. Não vou falar do Colorado, porque eu estou com bronca do Grêmio porque derrotou o Corinthians. Não, o Grêmio não podia fazer o que fez, mas fez. Como eu sou democrático, eu aceito o resultado.

Olha, companheiros e companheiras, eu queria chamar a atenção de vocês para uma coisa que eu considero importante. Daqui para a frente, o país vai ficar mais nervoso, porque é assim mesmo. Eu só queria que vocês não perdessem, em nenhum momento, a tranquilidade, que vocês mantivessem a cabeça bem fria, com muita consciência do debate que vai acontecer no Brasil.

O nosso papel, enquanto governo, é tentar fazer o que já está acontecendo no Brasil. Este ano nós tivemos o Orçamento atrasado quatro meses, foi aprovado ontem à noite. Possivelmente, algumas pessoas não queriam aprovar para tentar atrapalhar que nós governássemos o Brasil. Não tem problema, nem isso me deixou nervoso.

Nós temos consciência de que tudo que nós plantamos nós estamos colhendo agora, tanto na economia quanto na geração de empregos, quanto na distribuição de renda, quanto no crescimento da massa salarial, quanto na melhoria da saúde deste país, quanto na ajuda à agricultura familiar, ou seja, as coisas estão acontecendo, e cada dia vai acontecer mais.

A situação está tão boa que sexta-feira eu vou ao Rio de Janeiro anunciar a independência do petróleo. Conquistamos a auto-suficiência do petróleo neste país. Ou seja, de Getúlio Vargas, em 54, até agora, para que a gente conseguisse a nossa independência, o que é um passo importante.

Ou seja, a independência significa que nós estamos produzindo o tanto que nós consumimos. Só que nós vamos ter que continuar importando



petróleo, porque o nosso petróleo é pesado, nós temos que comprar petróleo leve para misturar no nosso para poder ajudar a tirar o subproduto do petróleo. Gostou, Olívio? Muito bem.

Então, gente, no dia 1º de maio nós vamos assinar, anunciar mais algumas medidas para os trabalhadores brasileiros. No começo de maio vamos anunciar mais algumas medidas para a saúde. Nós já anunciamos uma coisa importante para as mulheres, que foi descontar o imposto de renda equivalente a uma parte do salário dela para que o empregador assine a carteira profissional da empregada doméstica.

Por que sabe o que acontece? Às vezes, nós cometemos equívocos. Às vezes, nós tratamos uma pessoa que trabalha na casa da gente muito bem, tem gente que fala, uma vez eu fui numa casa e o cidadão falou assim para mim: “Lula, essa mulher mora comigo há 40 anos, cuidou do meu filho, cuidou do meu neto, é como se fosse da família”. E a mulher perguntou assim para mim: “Lula, se eu sou da família, pergunta para ele por que eu não estou no testamento dele”. É verdade, porque muitas vezes a gente pensa que essa relação equivocada é melhor. Não, o melhor é ter uma relação de empregado e empregador, ter horário para entrar, ter horário para sair, ter o salário registrado em carteira profissional, pagar a Previdência, é a melhor coisa que nós temos a fazer, e foi uma conquista que as mulheres tiveram no Dia Internacional da Mulher. E muitas outras coisas vão continuar acontecendo.

Eu quero, de coração, meus companheiros metalúrgicos, do Sindicato da Saúde e adjacências, dizer que, cada vez que eu entro neste Sindicato, e já entrei aqui muitas vezes em outros tempos, aqui eu sinto o cheiro da conquista da democracia, depois de 23 anos de ausência de democracia no país. Porque, se não fosse a classe operária sair às ruas, parar as fábricas, a gente teria demorado um pouco mais. Então, cada vez que estou aqui, eu me sinto em casa, me sinto como se estivesse dentro da minha cozinha. E, sobretudo, quando eu estou no Rio Grande do Sul, que é um estado pelo qual eu tenho



um profundo respeito, uma profunda admiração. Talvez seja, dos estados brasileiros, o que tem a mais bela história de luta pela Independência, de luta contra um monte de coisas, então eu me sinto, aqui, mais feliz, mais alegre e mais seguro de que a democracia é definitiva no nosso país.

Que Deus abençoe cada um de vocês, cada mulher, cada criança e até outro dia, se Deus quiser.